

# Redução decepciona setor produtivo 88

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Apesar de esperada pela maioria dos economistas, a redução de 1,5 ponto percentual na taxa básica de juros (Selic), ontem, pelo Comitê de Política Monetária (Copom), decepcionou o setor produtivo e parte da equipe econômica. A nova Selic, que caiu de 26% para 24,5% ao ano, vai vigorar até a próxima reunião do Copom, marcada para os dias 19 e 20 de agosto, pois nem viés de baixa o Comitê adotou. O que permitiria um novo corte a qualquer momento.

Ainda que o Banco Central (BC) desse sinais de que manteria o conservadorismo na condução da política monetária, no fundo apostava-se em uma dose de ousadia que resultasse em corte de dois pontos percentuais — número considerado “mágico” para dar um choque de otimismo na economia. Mas o BC resistiu. O resul-

tado é que a economia vai continuar andando a passos lentos, sem grandes investimentos no setor produtivo, com desemprego em alta e as vendas do comércio despencando.

De qualquer forma, foi a maior redução dos juros, numa única vez, desde 19 de maio de 1999, quando a Selic baixou de 27% para 23,5% ao ano. O BC justificou a queda em um curto comunicado: “As projeções de inflação continuam a indicar convergência para a trajetória das metas. Em razão disso, o Copom decidiu, por unanimidade, fixar a taxa Selic em 24,5% ao ano, sem viés”. Foi o mesmo texto divulgado no mês passado, quando houve diminuição de apenas 0,5 ponto percentual. Faltou originalidade para explicar os motivos do conservadorismo.

O presidente da Associação Brasileira de Infra-estrutura e Indústrias de Base (Abdib), José Marques, foi taxativo. “Poderia ter havido um pouco mais de

**66**  
**NÃO HÁ ARGUMENTO**  
**QUE JUSTIFIQUE**  
**TAMANHA TIMIDEZ.**  
**A INFLAÇÃO ESTÁ**  
**MORTÍSSIMA** **99**

*Júlio de Almeida,  
diretor do Iedi, sobre o  
corte de apenas 1,5 ponto  
percentual na taxa  
básica de juros*

ousadia, seria uma ousadia responsável”. Na opinião do diretor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio de Almeida, o Copom enterrou todas as chances de recuperação da economia ainda neste trimestre. “Não há argumentos que justifiquem ta-

manha timidez. A inflação está mortíssima”, disse. A seu ver, para que a produção dê algum sinal de vida no fim do ano, os juros terão de continuar caindo sistematicamente.

Segundo o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, o corte foi frustrante. “A situação do país exige atitude mais firme da política monetária para restabelecer as condições de financiamento ao setor produtivo”, afirmou. Para o presidente da Central Única dos Trabalhadores, Luiz marinho, a redução na Selic foi insuficiente e conservadora. “Eu cortaria em no mínimo 2,5 pontos”, disse.

O conservadorismo do Copom foi tamanho, que dividiu até o mercado financeiro, eterno defensor dos juros altos. Na avaliação do diretor-executivo do Banco Itaú, Sérgio Werlang, a queda na Selic poderia ter sido de quatro pontos. “A redução era possível e não alteraria os

rumos da inflação em 2004”, disse. Já o economista-chefe para a América Latina do Banco WestLB, John Welch, o Copom agiu na medida exata e garantiu a credibilidade reconquistada a duras penas nos últimos meses. No entender do diretor de Estratégia para América Latina do Barclays Capital, Jose Barriónuevo, a taxa básica de juros — que deve cair mais 1,5 ponto no mês que vem — baixará com mais consistência depois da aprovação das reformas tributária e da Previdência Social.

Nesse ambiente, a Bolsa de Valores de São Paulo encerrou a quarta-feira em baixa de 0,26%. Normalmente haveria alta em dia de corte de juros. O dólar subiu 0,48%, cotado a R\$ 2,897, algo esperado. No mercado futuro de juros, todos os contratos apontaram alta logo depois do anúncio do Copom. Pela manhã, com o otimismo dos investidores, os contratos eram negociados com baixa de até 2%.